



ESCREVER É RESISTIR: SAÚDE MENTAL E ARTICULAÇÃO TEXTUAL

Maria Clara Soares de
Alcântara Freire

¹ Uyale Mairielle Alves
da Silva

² Siane Gois
Cavalcanti Rodrigues

³ Thaiane Maria dos
Santos Albuquerque

RESUMO

Este trabalho integra o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, dentro do projeto coordenado pela professora Dra. Siane Gois Cavalcanti Rodrigues (UFPE), intitulado “Produção de texto na Educação Básica: caminhos entre a escola e a universidade”. A experiência foi realizada na Escola Técnica Estadual Miguel Batista, em Recife, com uma turma do 3º ano do ensino médio integrado ao curso técnico em Design Gráfico. O objetivo foi desenvolver um projeto de letramento por meio dos gêneros artigo de opinião e carta aberta, com foco na temática da saúde mental em tempos de vestibular. A proposta surgiu da escuta das angústias dos estudantes diante das pressões acadêmicas e emocionais do último ano escolar. A fundamentação teórica baseou-se em Bazerman (2006), Oliveira (2022) e Reichmann (2019), que tratam da linguagem como prática social, dos gêneros como formas de ação e dos projetos de letramento como instrumentos pedagógicos para a formação crítica. A metodologia combinou leitura, oralidade e escrita, com rodas de conversa, análise de textos argumentativos, produção colaborativa e socialização dos textos dos alunos. Adotou-se também um olhar etnográfico sobre o ambiente escolar, considerando espaço físico, gestão e perfil dos estudantes no planejamento das ações. Os resultados mostraram que, ao abordar uma temática próxima à realidade dos alunos, é possível mobilizar afetos, incentivar o protagonismo juvenil e promover uma escrita autoral e reflexiva. A produção textual sobre saúde mental se configurou como oportunidade de escuta e expressão subjetiva, reafirmando a escola como espaço de acolhimento e à docência como prática dialógica. Nesse contexto, ensinar a escrever torna-se também um ato de existir, resistir e cuidar de si e dos outros por meio da linguagem.

Palavras-chave: Linguagem, Letramento, Texto, Ensino.



INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) constitui-se como uma das principais políticas públicas voltadas para a formação inicial de professores no Brasil, possibilitando a vivência direta em contextos escolares e favorecendo a articulação entre teoria e prática na formação docente. No âmbito do curso de Letras Português da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o PIBID tem se destacado por incentivar ações que integram ensino, pesquisa e extensão, aproximando a universidade da escola pública e promovendo experiências formativas centradas na linguagem como prática social. É nesse contexto que se insere o projeto coordenado pela professora Dra. Siane Gois Cavalcanti Rodrigues, intitulado “Produção de texto na Educação Básica: caminhos entre a escola e a universidade”, cujo propósito é repensar o ensino da escrita não como mera aplicação de regras gramaticais, mas como ação discursiva e instrumento de participação social.

A concepção do projeto responde à necessidade de tornar o ensino de língua portuguesa mais significativo e conectado às experiências reais dos estudantes. Em vez de privilegiar exercícios descontextualizados, propõe-se um trabalho que reconheça a escrita como prática situada, atravessada por dimensões históricas, sociais e afetivas. Essa orientação apoia-se nos estudos de Charles Bazerman (2006), que compreende os gêneros textuais como formas de vida e modos de agir no mundo, de Maria do Socorro Oliveira (2022), que destaca os projetos de letramento como práticas que fazem sentido porque emergem das demandas concretas dos sujeitos, e de Carla Reichmann (2019), que evidencia, por meio de diários reflexivos, como o ensino de língua é também um processo de autoconhecimento e de escuta do outro. Esses referenciais sustentam a compreensão de que o ensino da escrita deve favorecer autoria, criticidade e protagonismo dos estudantes.

O trabalho aqui apresentado é um projeto em andamento, desenvolvido no âmbito do PIBID junto à Escola Técnica Estadual Miguel Batista (ETEMB), localizada em Recife e reconhecida por sua forte integração com a comunidade e por práticas pedagógicas que valorizam o engajamento estudantil. A escolha do tema “Saúde mental em tempos de vestibular” surgiu a partir da escuta das angústias e preocupações manifestadas pelos estudantes do 3º ano do ensino médio integrado ao curso técnico em Design Gráfico, cujas vivências evidenciam os desafios emocionais enfrentados nesse período de transição escolar. Assim, o projeto busca articular ensino de escrita e cuidado com a dimensão subjetiva, mostrando que a produção textual pode ser também espaço de resistência e elaboração das experiências vividas.

O objetivo geral do trabalho é desenvolver práticas de escrita crítica e autoral por meio de gêneros argumentativos, especialmente o artigo de opinião e a carta aberta, favorecendo que os

estudantes se posicionem sobre questões que atravessam sua realidade escolar e emocional. Os objetivos específicos incluem promover a reflexão sobre saúde mental na escola, estimular o protagonismo juvenil e criar oportunidades para que a escrita seja vivenciada como prática social, não apenas como tarefa escolar. Metodologicamente, a proposta envolve um conjunto de etapas articuladas: rodas de conversa e debates sobre a temática; exibição de filmes como *Escritores da Liberdade* para sensibilizar e provocar reflexões; leitura e análise de textos argumentativos autênticos; produção colaborativa de artigos de opinião e cartas abertas; socialização e revisão dos textos com mediação das bolsistas; e acompanhamento etnográfico do ambiente escolar, em diálogo com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da ETEMB.

Esse percurso metodológico busca aproximar práticas de leitura e escrita das vivências dos estudantes, tornando-as mais significativas. O projeto, por estar em curso, tem permitido observar resultados preliminares: maior engajamento dos estudantes nas discussões em sala de aula, maior abertura para falar de experiências pessoais e percepção de que a escrita pode ser um recurso para elaborar reflexões sobre si e sobre o coletivo. A perspectiva é que, ao final do percurso, os textos produzidos pelos alunos se configuram não apenas como exercício de linguagem, mas como registros de resistência e de autoria juvenil, reafirmando a escola

¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, maria.cfreire@ufpe.br;

² Graduanda pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, uyale.silva@ufpe.br

³ Doutor pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, sianegois@yahoo.com.br ;

⁴ Professor orientador: Mestrado pela Universidade de Pernambuco - UPE, thaianealbuquerque@gmail.com

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho ancora-se nas concepções de linguagem e ensino que entendem o texto como prática social e a escrita como experiência subjetiva e cognitiva . O ponto de partida é a noção de gêneros textuais proposta por Bazerman (2006), que compreende a escrita como uma forma de ação situada em contextos de interação. Escrever, portanto, não é apenas organizar palavras em estruturas gramaticais “corretas”, mas participar de práticas sociais, mobilizar saberes discursivos e agir sobre o mundo por meio da linguagem. Essa visão desloca o foco do ensino de normas para o desenvolvimento de competências discursivas, ampliando o espaço da escola como lugar de produção de sentidos.

Em um outro horizonte teórico , Oliveira (2022) enfatiza que os projetos de letramento precisam nascer de contextos reais e significativos, em que os estudantes reconheçam a função social da escrita. Quando a produção textual é orientada apenas por exigências avaliativas, como ocorre no ENEM . O ato de escrever perde sua potência de expressão e crítica. Por isso, práticas pedagógicas baseadas em projetos tornam-se estratégicas: criam situações comunicativas autênticas, valorizam a autoria e transformam o texto em meio de emancipação intelectual e emocional.

Reichmann (2019), ao tratar da escrita docente e discente, reforça que escrever é também um modo de elaborar o próprio pensamento e reorganizar o eu. A escrita se constitui como exercício de consciência e autoconstrução: ao narrar, argumentar e refletir, o sujeito se reconhece e se inscreve no mundo. Esse movimento dialoga com Freire (1996), para quem a linguagem é ato de libertação e a palavra tem dimensão política. Ensinar a escrever, portanto, é ensinar a intervir, a pensar criticamente e a se posicionar diante da realidade.

A partir dessa perspectiva, a escrita deixa de ser mero instrumento de avaliação para tornar-se um espaço de resistência simbólica, conceito que se relaciona diretamente ao tema deste artigo. Escrever, especialmente em contextos de pressão e vulnerabilidade emocional, é um gesto de sobrevivência e afirmação. Para Kleiman (1995), o letramento é processo de inserção social e de construção de identidades, o que significa que a prática da escrita contribui para que o sujeito compreenda e transforme sua própria condição social e histórica.

A dimensão afetiva da linguagem, por sua vez, encontra fundamento em Wallon (1942), que

compreende o desenvolvimento humano como processo integral, envolvendo afetividade, motricidade e cognição. Para o autor, a emoção não é obstáculo à aprendizagem, mas elemento constitutivo dela. Essa ideia é essencial ao compreender a escrita como prática que mobiliza emoções, memórias e subjetividades. Quando o estudante é convidado a escrever sobre temas que o tocam emocionalmente, como suas angústias e expectativas diante do futuro, ele aciona mecanismos de autorregulação e reflexão que contribuem para o equilíbrio psíquico e o desenvolvimento cognitivo.

Nessa direção, Bakhtin (1997) acrescenta que toda enunciação é dialógica, ou seja, nasce da relação entre sujeitos e vozes sociais. O texto produzido na escola é atravessado por discursos que o antecedem, e o trabalho do professor é justamente promover o encontro dessas vozes, permitindo que o estudante encontre a sua. O discurso do outro, quando ressignificado pela experiência pessoal, torna-se lugar de autoria. Assim, a carta aberta produzida no projeto analisado — dirigida à banca do ENEM — materializa essa concepção bakhtiniana: os alunos dialogam com instituições, com o professor e consigo mesmos, transformando a escrita em território de diálogo e resistência.

Freire (1987) afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Em outras palavras, a produção textual deve emergir da leitura crítica da realidade. Ao escrever sobre si, sobre a escola e sobre a pressão por desempenho, os alunos exercitam a consciência de mundo e constroem novos modos de narrar suas vivências. O texto se torna um instrumento de denúncia e libertação, uma escrita que, ao mesmo tempo, cura e questiona.

Por fim, é importante destacar que os estudos contemporâneos sobre escrita e saúde mental (FERREIRA, 2020; SOUZA; ALMEIDA, 2018) apontam que práticas narrativas e reflexivas têm papel terapêutico, promovendo o bem-estar emocional e o senso de pertencimento. Quando a escola cria espaços para essas práticas, ela contribui para uma educação mais humana, sensível e transformadora.

Desse modo, o referencial teórico que sustenta este trabalho integra os princípios do letramento crítico e da educação emancipadora e fundamenta a escrita como prática de resistência e de cuidado de si. O texto, nesse sentido, é mais do que uma construção linguística, é um lugar de afeto, de escuta e de transformação social.

METODOLOGIA

O trabalho, de natureza qualitativa e interpretativa, buscou compreender o processo de escrita dos estudantes a partir de uma abordagem que integra dimensões linguísticas, afetivas e sociais. O projeto foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFPE), sob orientação da professora Dra. Siane Gois Cavalcanti Rodrigues e a supervisão da professora Me. Thaiane Albuquerque na Escola Técnica Estadual Miguel Batista (ETEMB), localizada na zona norte da cidade do Recife. A turma participante é composta por estudantes do 3º ano do ensino médio integrado ao curso técnico em Design Gráfico. O percurso metodológico foi dividido em algumas etapas: observação da escola com um todo para a produção do relato etnográfico, observação das aulas de língua portuguesa, formações continuadas oferecidas pela coordenação do núcleo, a produção do relato etnográfico e a produção e desenvolvimento do projeto didático. Cada uma dessas fases teve objetivos e procedimentos próprios, que se articulam para compor uma experiência de ensino e pesquisa coerente com as concepções de letramento crítico e formação humanizada.

3.1 Observação diagnóstica e imersão no campo

O primeiro momento do projeto consistiu em uma imersão etnográfica na escola e nas interações cotidianas da turma. As bolsistas do PIBID observaram práticas discursivas, modos de participação dos alunos. Foram analisados o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da instituição, registros de aulas e realizadas conversas informais com professores e estudantes, o que permitiu compreender o perfil sociocultural da turma e mapear suas principais demandas. Essa escuta sensível revelou que muitos alunos enfrentam ansiedade, insegurança e exaustão emocional diante da proximidade dos vestibulares, o que interferia diretamente em sua relação com a escrita e com a escola. A partir dessas constatações, delineou-se o propósito central do projeto: unir práticas de escrita e cuidado emocional, por meio de atividades que promovessem expressão, reflexão e criticidade.

3.2 Intervenção pedagógica e práticas de escrita

Com base nas observações iniciais, foi elaborado um plano de ação pedagógica dividido em quatro momentos: sensibilização, estudo dos gêneros discursivos, produção textual e reescrita. O primeiro momento, de sensibilização, iniciou-se com uma roda de conversa sobre saúde mental e pressão pré-vestibular, na qual os estudantes puderam compartilhar sentimentos, expectativas e experiências pessoais. Esse espaço de fala e escuta serviu como diagnóstico, possibilitando à equipe identificar as temáticas mais recorrentes nos discursos dos alunos. No segundo momento, foram realizadas aulas expositivas e dialogadas sobre os gêneros artigo de opinião, carta pessoal e carta aberta. A análise de gêneros autênticos buscou promover a compreensão do contexto de produção, das estratégias argumentativas e dos recursos linguísticos característicos de cada um. As discussões foram conduzidas com base em exemplos concretos, relacionando os temas à realidade dos estudantes e às pressões do sistema avaliativo brasileiro. Em seguida, no terceiro momento, os alunos foram convidados a produzir seus próprios textos, partindo da temática “Saúde mental em tempos de vestibular”. As produções ocorreram inicialmente em grupos, para

favorecer o diálogo e a construção coletiva de argumentos.

Após a escrita inicial, os textos foram socializados em roda de leitura, o que estimulou o reconhecimento das vozes individuais e coletivas, bem como a empatia entre os participantes. O quarto momento foi dedicado à reescrita orientada. As bolsistas ofereceram devolutivas orais e escritas, destacando aspectos de coesão, coerência, clareza argumentativa e progressão temática. Essa etapa teve caráter formativo: mais do que corrigir, buscou-se incentivar os alunos a repensarem suas escolhas discursivas e fortalecerem sua autoria. Como culminância das atividades, foi proposta a produção coletiva de uma carta aberta ao INEP, órgão responsável pelo ENEM. A turma, reunida em assembleia, discutiu a estrutura e o conteúdo do texto, compondo uma escrita colaborativa que expressasse suas angústias e reivindicações em relação às condições emocionais que marcam o período pré-vestibular. Essa produção final foi lida em sala e registrada para análise posterior, configurando um produto simbólico e social do projeto.

3.3 Análise dos resultados e registros reflexivos

Durante todo o processo, foram produzidos diários de campo, registros fotográficos, gravações das rodas de conversa e versões sucessivas dos textos dos alunos. Esse conjunto de materiais constituiu o corpus de análise, permitindo observar o aprimoramento da capacidade de escrita dos alunos ao longo do percurso. A análise seguiu uma perspectiva interpretativa, identificando avanços na coesão e coerência textual, no uso de conectores e na construção de argumentos mais consistentes.

Além disso, as falas registradas nas rodas de conversa revelaram a emergência de um discurso mais crítico e confiante, no qual os estudantes reconheceram a escrita como espaço de expressão e resistência. Essa etapa reafirmou a relevância da metodologia adotada, ao articular a escuta, a reflexão e a prática textual como dimensões indissociáveis do ensino de Língua Portuguesa. Assim, o percurso metodológico deste projeto evidencia que o processo de ensinar e aprender a escrever pode ser também um processo de cuidar, escutar e ressignificar. Ao promover a escrita como experiência social e emocional, a metodologia proposta aproxima a escola da vida, a linguagem da subjetividade e o ensino da sensibilidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste projeto, tem reafirmado o potencial transformador das práticas de escrita quando concebidas como ação social e espaço de expressão subjetiva. A partir da articulação entre teoria e prática, foi possível compreender que ensinar a escrever não se resume a ensinar regras gramaticais, mas envolve a promoção da escuta, o acolhimento e o diálogo com as experiências de vida dos estudantes.

A escolha da temática da saúde mental e dos gêneros artigo de opinião, carta aberta e carta pessoal revelou-se extremamente significativa para o grupo, pois possibilitou a construção de um espaço em que os alunos puderam transformar suas vivências e inquietações em discurso. Esse processo não apenas ampliou as habilidades linguísticas e argumentativas, mas também fortaleceu a dimensão humana do ensino, ao reconhecer que toda prática de linguagem é também um ato de cuidado e resistência.

Do ponto de vista formativo, o projeto tem contribuído para a consolidação de uma postura docente crítica, reflexiva e sensível às realidades escolares, reafirmando o papel do PIBID como espaço de experimentação e de formação de professores comprometidos com a educação pública e com a transformação social. A experiência com os estudantes da Escola Técnica Estadual Miguel Batista evidenciou que a escrita, quando vivenciada de forma significativa, pode se tornar instrumento de empoderamento, autoria e participação cidadã.

Embora ainda em andamento, a pesquisa já aponta resultados promissores, indicando que práticas pedagógicas fundamentadas nas concepções de Bazerman (2006), Oliveira (2022), Reichmann (2019) e Wallon (1942) podem favorecer o desenvolvimento integral do sujeito, ao integrar cognição, emoção e ação social. A continuidade das etapas previstas permitirá aprofundar a análise dos textos e reflexões produzidas, ampliando a compreensão sobre como o ensino da escrita pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel no mundo. Por fim, reafirma-se que escrever é resistir: resistir ao silenciamento, às pressões do sistema escolar e à desumanização das práticas educativas. A escrita, neste projeto, configurou-se como um gesto ético e político de escuta e de expressão, reafirmando a escola como espaço de diálogo, acolhimento e construção de sentidos, um lugar em que aprender a escrever é também aprender a existir.

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, Charles. Gênero, agência e escrita. Tradução de Luiz Antônio Marcuschi. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. O que é, como se faz e o que significa trabalhar com projeto de letramento. In: _____. Letramentos e multiletramentos na escola: práticas que fazem sentido. Natal: EDUFRN, 2022. p. 15–36.

REICHMANN, Carla L. (org.). Diários reflexivos de professores de línguas: ensinar, escrever, refazer(-se). Campinas: Pontes Editores, 2019.

SILVA, Emilly Gabrielly Barbosa da et al. Do comentário de rede social ao artigo de opinião: estratégias argumentativas na sala de aula. Revista Brasileira de Educação Básica, v. 7, n. 21, 2023. Disponível em: <https://rbedeb.ufmg.br>. Acesso em: 25 abr. 2025.

SIMÕES NETO, Natival Almeida et al. Linguística na teoria e na prática: texto, discurso e ensino de línguas. Salvador: EDUFBA, 2021.

WALLON, HENRI. Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008. (Trabalho original publicado em 1942)

